

*O Colecionador:
uma leitura de "my last
duchess", de Robert Browning*

Ana Lúcia Henriques

RESUMO	Comentário crítico a respeito do monólogo dramático de Robert Browning, My Last Duchess. Destaca-se o tom instigante das falas do Duque de Ferrara a seu "interlocutor silencioso", pela precisa definição psicológica e histórica do momento dramático retratado.		
palavras chaves	teoria	literatura inglesa	história

My Last Duchess

FERRARA

*That's my last Duchess painted on the wall,
Looking as if she were alive. I call
That piece a wonder, now: Frà Pandolf's hands
Worked busily a day, and there she stands.
Will't please you sit and look at her? I said
"Frà Pandolf" by design, for never read
Strangers like you that pictured countenance,
The depth and passion of its earnest glance,
But to myself they turned (since none puts by
The curtain I have drawn for you, but I)
And seemed as they would ask me, if they durst,
How such a glance came there; so, not the first
Are you to turn and ask thus. Sir, 'twas not
Her husband's presence only, called that spot
Of joy into the Duchess' cheek: perhaps
Frà Pandolf chanced to say "Her mantle laps
Over my lady's wrist too much, " or "Paint
Must never hope to reproduce the faint
Half-flush that dies along her throat": Such stuff
Was courtesy, she thought, and cause enough
For calling up that spot of joy. She had
A heart – how shall I say? – too soon made glad,
Too easily impressed; she liked whate'er
She looked on, and her looks went everywhere.
Sir, 'twas all one! My favor at her breast,
The dropping of the daylight in the West,*

*The bough of cherries some officious fool
Broke in the orchard for her, the white mule
She rode with round the terrace – all and each
Would draw from her alike the approving speech,
Or blush, at least. She thanked men – good! but thanked
Somehow – I know not how – as if she ranked
My gift of a nine-hundred-years-old name
With anybody's gift. Who'd stoop to blame
This sort of trifling? Even had you skill
In speech – (which I have not) – to make your will
Quite clear to such an one, and say, "Just this
Or that in you disgusts me; here you miss,
Or there exceed the mark" – and if she let
Herself be lessoned so, nor plainly set
Her wits to yours, forsooth, and made excuse
– E'en the would be some stooping; and I choose
Never to stoop. Oh sir, she smiled, no doubt,
Whene'er I passed her; but who passed without
Much the same smile? This grew; I gave commands;
Then all smiles stopped together. There she stands
As if alive. Will't please you rise? We'll meet
The company below, then. I repeat,
The Count your master's known munificence
Is ample warrant that no just pretense
Of mine for dowry will be disallowed;
Though his fair daughter's self, as I avowed
At starting, is my object. Nay, we'll go
Together down, sir. Notice Neptune, though,
Taming a sea horse, thought a rarity,
Which Claus of Innsbruck cast in bronze for me!*

O poema "My Last Duchess" encontra-se entre os famosos monólogos dramáticos de Robert Browning, sendo considerado por muitos sua obra-prima. Escrito em 1842 e publicado num volume de poesias, deveria figurar, segundo o próprio poeta, juntamente com os outros poemas, sob o título "Dramatic Lyrics", por serem líricos em expressão, sempre dramáticos em princípio e apresentarem falas de pessoas imaginárias e não do poeta.¹

Seus monólogos dramáticos são apresentados sob o predomínio da sugestão, cabendo ao leitor ler nas entrelinhas – leitor que também é um ouvinte, pois ouve o monólogo ao lê-lo, não deixando de ser ao mesmo tempo um espectador que visualiza a cena. Tal tarefa se torna possível pela precisa definição psicológica e histórica do momento dramático retratado

¹ PETTIGREW, J. (1981): p. 347.

em seus poemas deste tipo. Há um falante imaginário que se dirige a um ou mais ouvintes, que nadã dizem, embora influenciem o desenrolar do monólogo. Trata-se de um momento crucial na vida do falante. Sua fala revela seu caráter, como podem perceber os leitores mais atentos, já que ele nos diz apenas aquilo que quer que saibamos a seu respeito. Beckson e Ganz assim definem o monólogo dramático:

*um poema que consiste de palavras de uma só
personagem que revela em seu discurso sua própria
natureza e situação dramática [...], por si só revela
lugar, tempo e as identidades das personagens.
Chamado de "drama lírico" por Robert, que trouxe à
forma seu desenvolvimento maior, o monólogo
dramático revela a psicologia do falante num
momento significativo...²*

Como podemos notar, o nome de Robert Browning está intimamente ligado a este tipo de poesia, devendo-se observar também na definição acima referência a um "momento significativo" (Beckson e Ganz), aqui chamado de "momento crucial", palavras-chave (significativo e crucial) merecedoras de nossa total atenção. Diz-nos o Dicionário Aurélio que "significativo" pode ser entendido como o "que contém revelação interessante" e "crucial" como "decisivo" e "muito importante". Assim, a força de um monólogo dramático depende, em grande parte, de o poeta acertar na escolha de um momento de uma revelação interessante e de grande importância, que por ser decisivo tende a tornar-se difícil. O falante tem consciência da importância daquele momento, e, quase sempre, procura ser convincente em sua fala, persuasivo na defesa de seu ponto de vista.

Robert Browning soube mais do que somente selecionar grandes momentos para seus monólogos – o que já serviria para justificar em parte a força de seus monólogos. Ele conseguiu também atribuir às falas de suas personagens o tom exato, sugestivo, estimulador de interesse, suscitando várias perguntas e deixando as respostas como tarefa para o seu receptor. Cabe lembrar que um monólogo dramático deve ser curto para ser eficaz, pois o seu prolongamento tende a fazê-lo perder parte de sua força.³

O monólogo *My Last Duchess* concentra, em poucos versos, muito da vida e caráter do Duque de Ferrara. Em apenas cinqüenta e seis versos, o texto nos revela não só o presente, como também nos induz a inquirir sobre o passado e o futuro das personagens envolvidas.

Browning, para escrever este poema, baseou-se num fato ocorrido durante a época da Renascença na cidade de Ferrara, que fica no norte da Itália. O Duque dessa cidade, Afonso II, havia se casado com a jovem Lucrezia,

² BECKSON, K. & GANZ, A. (1978): p. 61.

³ DAICHES, D. (1979): p. 1007.

morta em 1561, três anos após o casamento. Novas núpcias são negociadas, sendo candidata a duquesa a filha do Conde de Tyrol. Um emissário enviado pelo Conde acerta os detalhes da negociação sobre o casamento.

Temos aí, neste momento decisivo, a revelação do caráter do Duque, um homem de negócios, colecionador de belos objetos de arte, aparentemente um amante da arte e da beleza, que se sabe possuidor de grande fortuna e senhor de todos aqueles que o cercam. Seu nome aristocrático jamais poderá ser desrespeitado, sua vontade sempre terá de ser cumprida, nunca questionada, fatos que todos devem saber de antemão, pois o ciúme que sente do que possui, juntamente com o orgulho de sua origem nobre, o impede até mesmo de argumentar com quem quer que esteja agindo de forma contrária à sua opinião.

O exame dos primeiros versos evidencia que a forma pela qual o Duque se refere à Duquesa parece, a princípio, muito fria, talvez mesmo cínica, o que certamente aguça a curiosidade do leitor. Através de artifícios diversos, vai sendo construído um discurso cuidadoso em que certos detalhes de ordem diversa adquirem importância significativa. Apesar de procurar demonstrar cortesia para com o emissário, à medida que tece seus comentários, a explanação vai revelando características fortes da personalidade do Duque. Em primeiro lugar, sua necessidade de dominação. Aquele quadro de sua última Duquesa lhe pertence, como o olhar ardente que dele vem e só a ele, o Duque, se dirige (ll 5-10). Seu egocentrismo fica evidenciado a partir desse momento. O domínio é total, pois não só possui o quadro, como também o olhar nele representado. Supondo ter sido perguntado sobre o olhar da Duquesa, o falante dá prosseguimento aos seus comentários, deixando de lado uma certa sutileza até então empregada e passando a assumir uma postura mais dura, com tons de ironia ao referir-se não apenas à aparência física da Duquesa como também ao seu temperamento. Desse ponto em diante, o falante nos revela mais um importante aspecto de sua personalidade – o ciúme.

A partir do verso vinte e dois, há uma incidência de vários travessões, o que requer uma redobrada atenção na leitura, já que até aquele momento o Duque não demonstrara hesitação ao falar, e a presença das orações intercaladas, que se estendem até o verso quarenta e dois, é a explicação de suas dúvidas, indagações, justificativas. Se, por um lado, a ocorrência de “enjambement” em quase todos os versos do poema pode servir para nos dar essa idéia de continuidade da fala, os travessões, por outro, marcam um corte no que estava sendo relatado, como se o falante refletisse sobre o que acabara de ser dito ou mesmo uma pretensa dificuldade de terminar o relato de um fato, para ele altamente constrangedor. Como se trata de um hábil narrador, cabe desconfiar de sua dificuldade de expressão. Assim, ao retrato da Duquesa que os dois observam, são acrescentados minuciosos detalhes que complementam de forma primorosa a imagem de sua última esposa.

O poema, que se inicia com a atenção voltada para uma obra de arte, repete-a em seu final. Trata-se agora de uma escultura em que se vê Netuno, senhor dos mares, domando um cavalo marinho, o que sugere um elo com a relação entre o Duque e a Duquesa. Tanto Netuno como o Duque são temidos por seus poderes. Já o cavalo marinho e a Duquesa igualmente se relacionam, não só pela sua liberdade e vitalidade, que lhes são, em um determinado momento, tomadas, mas também porque ambos são oprimidos.

Ao final desta leitura, de tudo que foi dito e sugerido nessa conversa unilateral, pode-se chegar a traços importantes da personalidade do Duque. À medida que se fazia a leitura do poema, surgiam questões que, em grande parte, iam sendo esclarecidas no rigor da precisão de sua composição.

Browning consegue, de forma aguçada, desenvolver o monólogo, usando com exatidão os recursos de que dispunha para fazê-lo. Serve-se de um falante que revela seu caráter, não só pelas palavras que diz, mas principalmente por aquelas que insinua. A dramaticidade se faz presente desde o primeiro instante em que se ouve a voz do Duque a apontar para o quadro. Logo se percebe a relevância de cada palavra, gesto ou sugestão e, por isso, a tudo se precisa dirigir a atenção.

Num curto espaço de tempo, o Duque se revela senhor supremo de todos os que o cercam, semelhante a um deus de poder absoluto, que com pulso de ferro governa a todos, sendo capaz de qualquer coisa para ter sua vontade obedecida. A Duquesa nada mais fora do que sua vítima. Sua juventude, vitalidade e alegria não se enquadravam no perfil de esposa ideal para o Duque. O leitor é levado, assim, a pensar na possibilidade de assassinato. Parece que a Duquesa não passava de mais um dos seus belos objetos, como outros tantos um dia negociados e, ao se mostrarem de menor valor, devidamente descartados. No momento em que uma das peças já não serve mais, o melhor é substituí-la. Desta forma, uma nova jovem e bela esposa, acompanhada de um dote, provavelmente generoso, estará sendo negociada. Daí a importância do momento. Nenhum colecionador, ao se interessar por um objeto para sua coleção, quer perder a oportunidade de aquisição. Um momento decisivo no qual ajustes de interesses têm de ser feitos para que ambas as partes se contentem. Assim sendo, não deve causar estranheza a conclusão de que esse homem de negócios está prestes a adquirir mais uma esposa para sua coleção de preciosas obras de arte.

Referências Bibliográficas

- ABRAMS, Meyer Howard, ed. *The Norton Anthology of English Literature*. 4. ed. , vol. 2. New York: W. W. Norton, 1979.
- BECKSON, K. & GANZ, A. *Literary Terms: a dictionary*. 5. ed. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1978.
- DAICHES, David. *A Critical History of English Literature*. 2.ed. vol. 4. London: Secker & Warburg, 1979.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GRIDLEY, Roy E. *Browning*. London: Routledge and Kegan Paul, 1972.
- PETTIGREW, John, ed. *Robert Browning: the poems*. vol. 2. Middlesex: Penguin Books, 1981.
- POOLEY, Robert C. et alii. *England in Literature*. Glenview: Scott-Foresman, 1968.
- RANALD, Ralph A. *The Poetry of Robert Browning*. New York: Monarch Press, 1965.
- ROBINSON, Peter. *In the Circumstances About Poems and Poets*. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- SHAW, Harry. *Dicionário de Termos Literários*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.